



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**OS FILMES INFANTIS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA
CRIANÇA**

MOIZAQUER MORAES TAVARES

**ABAETETUBA-PA
2019**

MOIZAQUER MORAES TAVARES

OS FILMES INFANTIS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra Joyce Otânia Seixas Ribeiro.

**ABAETETUBA
2019**

MOIZAQUER MORAES TAVARES

OS FILMES INFANTIS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Avaliado em de de 2019.

Conceito:

Banca avaliadora

Profa. Dra. Joyce O.S. Ribeiro - Orientadora

Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício

Profa. Dra. Sandra Karina Mendes

**ABAETETUBA
2019**

Para minha *amada família* dedico humildemente essas horas de pensamentos e reflexões que culminaram neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus amados professores que contribuíram significativamente em tornar-me produtor do conhecimento, eu agradeço. Em especial à Professora Dr^a Joyce Ribeiro pelo profissionalismo e ética materializados em suas práticas docentes. Suas aulas e orientações são formidáveis para lapidar nossos saberes, tirando de nós o melhor. Aos meus irmãos e família que muito me apoiaram:

Miranil e Adiana — Mano, obrigado por compartilhar seu tempo, cuidado e amor para colaborar no meu crescimento humano, profissional e educacional, “o que fazemos nessa vida, ecoa pela eternidade”, e sua esposa Adiana Tavares por ser tão cuidadosa e prestativa nesse meu processo de lutas diárias. Claudenoura e Dony, maninha, você sempre me ouviu, discutiu teorias e abriu as portas de seus saberes ético-profissionais de seu trabalho e isso está marcado em mim; ao Dony por diversas vezes indicar escolas e possibilidades de fazer a melhor pesquisa.

Claudiléia e Miquéias, minha amada irmãzinha, agradeço profundamente pela paciência, pelo incentivo e pelo amor que só me fizeram crescer; ao Miquéias pela forte amizade que, mesmo lutando em seu trabalho, sempre procurou ajudar-me com oportunidades trabalhistas em grandes empresas. À minha futura esposa, Helen Bitencourt, por ser parceira de todas as horas, saiba que seu carinho, companhia, amor e respeito só ampliaram em mim os horizontes da superação. Aos sobrinhos mágicos: Tiago, Danielle, André e Cibelle, pelo amor repassado e por contribuírem com o foco de minha pesquisa em momentos agradáveis.

À minha mãe, Cornélia Moraes Tavares... As palavras somem nessa hora, pois elas são insignificantes para te oferecer, mesmo assim agradeço por não desistir de acreditar em mim, por seus abraços me motivando e por seus sorrisos que turbinaram minha vida, saiba que sua presença é minha maior conquista.

À família “Pedagogia 2015 vespertino”, onde encontrei joias no caminho da vida e vivi grandes momentos. À equipe “Os Renegados” na qual aprofundei amizades, vivi histórias incríveis de pesquisas e organização da construção dos conhecimentos. Vocês são “*show* de bola”! E aos meus amigos Cristina Santos e Caio Barros (*In memorian*), que tive o privilégio de conhecê-los sendo pessoas integras, com caráter forte e por terem me ensinado a lutar sempre, a respeitar a família, pois a vida é muito mais do que pensamos compreender. À vocês que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até este momento de minha vida, eu agradeço!

“Viver não é parar: é continuamente renascer” (Florabela Espanca)

RESUMO

Este trabalho investigou a relação que existe entre mídia e currículo, alguns autores colaboraram para o melhor entendimento do tema, dentre eles: Henry Giroux (2003), Douglas Kellner (2001), Silva (1995) e de Costa (2009) que contribuíram para maior compreensão sobre a temática. Tendo em vista a validade do assunto e partindo da conjuntura do atual cenário político, onde a cultura da mídia é abordada como instrumento forte pelo qual manipula e forja muitos pensamentos, veio o desejo de explorar seus efeitos nas crianças. Levando em consideração que os filmes infantis, artefatos culturais dissipadores da cultura da mídia, entram em milhões de lares como meio de entretenimento infantil, surgiu a pergunta: “De que forma o currículo midiático vem implicando na formação das crianças na infância?” O objetivo é refletir sobre os efeitos do currículo midiático na formação das crianças na infância. Foram analisados os enredos de alguns filmes, como: “Viva! A vida é uma festa (2018)”, “Up! Altas aventuras (2009)”, “Como treinar o seu dragão (2010)” e “Emoni – O Filme (2017)”, por serem filmes bem aceitos pelo público infantil. O trabalho procurou ainda apresentar aspectos históricos sobre o surgimento da mídia, suas tendências e contribuições que ela trouxe para o desenvolvimento da sociedade. Para tanto, foi utilizado a pesquisa bibliográfica focalizando os resultados da teorização pertinente, seguida de sistematização, análise das ideias e das imagens nos artefatos culturais. Concluiu-se que os filmes infantis podem ser ótimos instrumentos de ensino, desde que haja uma preocupação, por parte do responsável/educador, em escolher o filme seguindo a faixa etária dos educandos e refletindo antes sobre o conteúdo do filme e o que se quer ensinar. Constatou-se que há consequências não desejáveis pelo fato dos filmes infantis não serem vistos/usados em formas de ferramentas úteis na construção da criticidade na criança em seu processo de desenvolvimento escolar e social, isto é, os filmes podem estar sendo usados apenas para entretenimento. Verificou-se que a indústria cultural é extremamente forte e que seus produtos são produzidos objetivando fins específicos de comércio e consumo facilmente aceito pelo público infantil. Percebeu-se que os conteúdos dos filmes muitas vezes podem levar as crianças a apresentarem comportamento de maneira não infantil. A isso podemos chamar de adultização da infância, ou infância instantânea. No entanto, os filmes oferecem grandes ferramentas que podem auxiliar de maneira direta no desenvolvimento imaginário da criança. Os artefatos culturais (re)constróem padrões afirmando/reafirmando/confirmando normas e ideias aceitas pela sociedade. Observou-se ainda, que os artefatos culturais, materializados sob a forma de filmes infantis, precisam ser vistos como currículo que ensina valores, crenças que configuram instrumentos construtivos que forjam as identidades de maneira positiva, ou negativa, dependendo de como se usou essa ferramenta. Pais, educadores precisam contribuir na construção crítica das crianças, fazendo destas, cidadãos ativos, emancipados em sua realidade.

Palavras-chave: Mídia. Filmes infantis. Currículo. Criança.

ABSTRACT

This work investigated the relationship between media and curriculum, some authors collaborated to better understand the theme, among them: Henry Giroux (2003), Douglas Kellner (2001), Silva (1995) and Costa (2009). understanding of the subject. Given the validity of the subject and starting from the conjuncture of the current political scenario, where the media culture is approached as a strong instrument by which manipulates and forges many thoughts, came the desire to explore its effects on children. Taking into account that children's films, cultural artifacts dissipating media culture, enter millions of homes as a means of children's entertainment, the question arose: "In what way has the media curriculum implicated in the training of children in childhood?" is to reflect on the effects of the media curriculum on the training of children in childhood. The plots of some films were analyzed, such as: "Viva! Life is a party (2018) ", " Up! (2010), "How to Train Your Dragon (2010)" and "Emoni - The Movie (2017)" as they are well-liked films by children. The work also sought to present historical aspects about the emergence of the media, its tendencies and contributions that it brought to the development of society. In order to do so, we used bibliographical research focusing on the results of pertinent theorization, followed by systematization, analysis of ideas and images in cultural artifacts. It was concluded that children's films can be great teaching tools, since there is a concern on the part of the teacher / educator to choose the film according to the age group of the students and reflecting before on the content of the film and what one wants teach. It has been found that there are undesirable consequences due to the fact that children's films are not seen / used as useful tools to construct criticality in children in their school and social development process, that is, movies may be used only for entertainment . It has been found that the cultural industry is extremely strong and that its products are produced for specific purposes of trade and consumption easily accepted by the children's audience. It was noticed that the content of films can often lead children to behave in a non-childlike way. This we can call childhood adultery, or instant childhood. However, the films offer great tools that can directly aid in the imaginary development of the child. Cultural artifacts (re) construct standards by affirming / reaffirming / confirming norms and ideas accepted by society. It was also observed that cultural artifacts, materialized in the form of children's films, need to be seen as a curriculum that teaches values, beliefs that constitute constructive instruments that forge identities positively, or negatively, depending on how this tool was used . Parents, educators need to contribute to the critical construction of children, making them active citizens emancipated in their reality.

Keywords: Media. Children's films. Curriculum. Kid.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO: INOVAÇÕES QUE MUDARAM O MUNDO.....	16
2.1 A prensa gráfica como propulsora das telecomunicações.....	16
2.2 Do código Morse ao celular: avanços tecnológico que revolucionaram a comunicação.....	19
3. A FORMAÇÃO DA CRIANÇA POR MEIO DOS FILMES INFANTIS.....	26
3.1 Espanto: o desejo para o conhecimento.....	26
3.2 A formação da criança no mundo dos filmes infantis.....	28
3.3 A relação entre filmes infantis, currículo e identidade.....	37
4. CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS	48

1- INTRODUÇÃO

A realidade capitalista é voraz. Voraz no sentido de que, para se conseguir lucros elevados, tudo é válido, desde que venda, desde que os mecanismos industriais polarizem as pessoas para que consumam as mercadorias que os vários mercados oferecem. Para esse fim é possível criar diversas estratégias, disseminando ideias e sentidos que atingirão milhares de pessoas. Uma das preocupações é saber como os conteúdos midiáticos agem nas crianças. Compreender essa indagação é fundamental, pois os conteúdos midiáticos não só objetivam a venda de produtos, mas também propagam sentidos e significados específicos sobre condutas, sentimentos, valores e crenças.

A necessidade de elaboração desse trabalho se concentra justamente na análise da relação da criança com os conteúdos midiáticos e como esses conteúdos afetam a vida moral, intelectual e crítica das crianças. De maneira que há de se pensar que o sistema consumidor, instaurado nessa época, pode agir com forte influência para criar um mercado e também pessoas para consumir, desde a tenra idade, os produtos e as novidades que sempre surgem.

O currículo dos filmes infantis, isto é, o conjunto de informações que os meios de comunicação ensinam e disseminam no âmbito social é um assunto que tem relevância bibliográfica no momento. Livros como “Atos impuros: a prática política dos estudos culturais”, do teórico e crítico cultural Henry Giroux (2003), aborda essa temática de maneira moderna e surpreendente. Geralmente, os assuntos abordados sobre a temática em questão se referem à maneira como os meios de comunicação agem de forma astuciosa para ocultar problemas sérios ou vender produtos no Brasil e no mundo escondendo os reais prejuízos para a sociedade, agindo muitas vezes de maneira ideológica e alienante.

É imprescindível compreender a importância dos grandes avanços tecnológicos para a sociedade. Esse desenvolvimento tecnológico influencia diretamente a vida em sociedade, trazendo o que é necessário e transformando coisas em elementos que se tornam peças fundamentais em nosso cotidiano. Um desses meios tecnológicos capaz de informar, transmitir conhecimentos e influenciar é o sistema midiático. Por isso, o interesse do pesquisador nesse assunto, pois as informações transmitidas através das mídias em geral podem ou não determinar as condutas de adultos e crianças.

Os conteúdos midiáticos, bombardeados a todo vapor, começam a agir no momento em que os utilizamos. Esses conteúdos se alojam em variados elementos do cotidiano, como: forma de entretenimento, curiosidade, objetivos informativos, objetos tecnológicos, dentre outros. Esses conteúdos, geralmente, são envolvidos por narrativas que se estruturam em imagens que atraem os olhares e a atenção. Trazendo assim, um adormecimento temporal de prazer e bem estar frente ao emaranhado ideológico pensado e articulado por adultos por detrás das cortinas.

O trabalho torna-se relevante em nossa sociedade moderna onde o currículo é delimitado, sistematizado e articulado por ideias do saber-poder, e ter a compreensão sobre o currículo midiático passa a ser fundamental e não pode passar despercebida. O conhecimento e a informação estão sendo difundidos em todos os lados e a todo tempo. Sendo assim, afirma Corazza (2001), o currículo tem voz, age e quer alguma coisa.

Ao esmiuçar as ideias contidas em vários resultados obtidos por grandes pesquisadores como Henry Giroux (2003), Douglas Kellner (2001), Tomaz Tadeu da Silva Silva (1995) e de Marisa Costa (2009), esses estudos trouxeram contribuições significativas em meu processo de crescimento pessoal, social e acadêmico o que somou na valorização teórica de minha caminhada como pesquisador e produtor do conhecimento.

Para tanto, a pesquisa se justifica devido à conjuntura que o Brasil vive, onde a mídia representa um forte veículo informativo capaz de des/construir ideias e dividindo a sociedade com suas ideologias. O que é afirmado em muitos estudos e que, conseqüentemente, visa à disseminação de ideias hegemônicas. A mídia mostra como devemos pensar, viver e agir dentro da sociedade. Um instrumento que orienta homens/mulheres adultos/as a construírem as mais singelas práticas, pensamentos e crenças da vida humana. No entanto, como esses conteúdos midiáticos afetam as crianças? Desta forma, o objetivo é refletir os efeitos dos significados dos filmes infantis nas crianças.

De acordo com levantamento, 95% dos brasileiros assistem TV regularmente e 74% a veem todos os dias em suas casas (GOVERNO DO BRASIL, 2017), existindo o hábito de “entreter” e controlar a criança deixando-a por horas à frente de uma caixa quadrada, carinhosamente apelidada de “babá eletrônica”, sem ter, talvez, a ideia de que aqueles simples minutos podem ser perigosos para a formação sociocultural de seus entes.

No Brasil, com o intuito de zelar pelo respeito e a dignidade da criança e do adolescente, materializando assim as garantias legais contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), Lei nº8.242 de 12 de outubro de 1991, instância máxima de formulação, deliberação e controle das políticas públicas para a infância e a adolescência. Sendo assim, o CONANDA criou a resolução nº 163 de 13 de março de 2014 que dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e comunicação mercadológica à criança e ao adolescente que explicita em seu art. 2º o que é abusivo:

Considera-se abusiva, em razão da política nacional de atendimento da criança e do adolescente, a prática do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança, com a intenção de persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço e utilizando-se, dentre outros, dos seguintes aspectos: I- linguagem infantil, efeitos especiais excessos de cores; II- trilhas sonoras de músicas infantis ou cantadas por vozes de crianças; III- representação de criança; IV- pessoas ou celebridades com apelo ao público infantil; V- personagens ou apresentadores infantis; VI- desenho animado ou de animação. (BRASIL, 2014, p. 1-2)

Apesar de existirem leis com intuito de zelar pelo respeito e dignidade da criança frente as influências midiáticas, no que tange sua ingenuidade em discernir a respeito das táticas consumistas e persuasivas desse sistema, ainda assim, a fragilidade é enorme, pois as megacorporações investem muito e focalizam predominantemente o público infantil. E essa luta pela dominação, afirma Kellner (2001), é um terreno de disputa na qual os grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discurso, mitos e espetáculos veiculados pela mídia.

Os filmes infantis são largamente difundidos e apresentam grandes variedades de personagens e histórias. Agindo sutilmente através de imagens em movimento, músicas alegres com ritmos atraentes, lugares e paisagens que tocam o inconsciente infantil de maneira amigável, criando laços sentimentais de apego e desejo de estar em contato constante com aquela realidade, o que aguça o imaginário infantil construindo/reconstruindo ideias e comportamentos. Os programas infantis estão ficando mais interativos e chegam a permitir a participação dos telespectadores mirins. Essas estratégias auxiliam para que tudo isso seja um

chamado às crianças para que se sentem na cadeira em frente à TV, computador, celular, cinema, dentre outros.

Os locais estão repletos de miniaturas (bonecas, roupas, acessórios e assim por diante), dos artefatos culturais¹, com *spots*² glamorosos, bem feitos e produzidos com cores vivas e sons que invadem o subconsciente e a imaginação, moldando cotidianamente as crianças a ser o que eles pretendem que elas sejam. Causando a construção de ideias, prescritas por adultos, que regem e impõem o controle do imaginário da criança.

Isso realmente é assustador e evidencia algo preocupante no cenário do crescimento cognitivo infantil. Essas crianças podem crescer com subjetividades alteradas e não críticas, sendo, futuramente, cidadãos aptos a aceitarem a subordinação. O que se percebe podem ser prejuízos incalculáveis em seu desenvolvimento sociocultural. Experiências “teleguiadas” com propósitos bem pensados e trabalhados são transmitidas cotidianamente.

Esmiuçar a cultura da mídia é fundamental, com vista à importância de aprender a interpretar essa cultura politicamente a fim de decodificar suas mensagens e efeitos ideológicos, afirma Kellner (2001). Cada dia é produzido vários artefatos com intuitos controversos. Cabe aprofundar os estudos e ter uma melhor compreensão dessa sistematização que vivemos diariamente. Eis aí a justificativa primordial desse trabalho.

O trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica. Em seus ensaios, Lima e Mito veem a pesquisa bibliográfica:

[...] como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. (LIMA; MIOTO, 2007, p. 44).

Conforme estudo de Cervo e Bervian, caracterizam a pesquisa bibliográfica sendo a qual:

[...] explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55).

¹ São os filmes, segundo Ruth Sabat (2002).

² Breve mensagem publicitária, inseridas entre programa de rádio ou de televisão; anúncio.

Gil (2008) informa que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. As vantagens da pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2008), residem nos fatos de permitirem aos investigadores a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Foi realizada uma breve busca bibliográfica no intuito de buscar conceitos centrais sobre o tema pesquisado, identificando como se dá a articulação e os impactos entre as ideias que o currículo do sistema da mídia impõe sobre a criança. A pesquisa bibliográfica conta com ações para realizar a coleta de dados sobre o *corpus*³ da pesquisa como leituras, fichamentos, resenhas e resumos de artigos de revistas, capítulo de livros, buscados em bibliotecas virtuais e físicas.

Para uma visão melhor, o trabalho será fundamentado em leitura e reflexão, pois estes são procedimentos importantíssimos para a consolidação de um trabalho bem estruturado. Ler e interpretar o conteúdo para seguir a algumas etapas importantes, como: a pré-análise e a seleção do que será interpretado; em seguida se procederá a análise final dos resultados.

Este trabalho está assim organizado: na primeira seção far-se-á uma breve análise da evolução histórica dos meios tecnológicos comunicativos. Passando pela “Revolução da Prensa Gráfica”, em de 1450, por Johann Gutenberg de Mainz, o que aumentou em grande escala a divulgação do conhecimento em forma de impressões. Será explorado o período do código Morse, criado por Samuel Morse, em 1837, que deu início às telecomunicações, podemos assim dizer. Chegando a março de 1875, quando Alexander Graham Bell inventou o celular, alavancando os meios comunicativos já que este, por sua vez, unia os vários meios de comunicação. O conceito de mídia será apresentado também o que trará aos olhos os significativos objetivos que os meios midiáticos pretendem e que podem influenciar a história da humanidade.

Na segunda seção, será analisado brevemente os avanços conceituais históricos que modificaram os olhares sobre a criança em seus primeiros anos de vida. Nessa mesma seção será conceituado o termo *criança* relacionado ao processo da infância, abordando ainda os conteúdos midiáticos, sob as formas de artefatos culturais, vêm implicando no processo de desenvolvimento infantil.

³ Nesse sentido, significa os conteúdos que formam a presente pesquisa.

Exemplificando, com alguns filmes renomados, as ideias e construções feitas por adultos para o público infantil, enfatizando a relação existente entre filmes infantis, currículo e identidade.

2. DIFUSÃO DA INFORMAÇÃO: INOVAÇÕES QUE MUDARAM O MUNDO

A humanidade sempre esteve buscando novos meios que facilitassem a vida ao longo dos anos. Essa busca por novos mecanismos trouxeram formas tecnológicas que foram, com o passar dos tempos, lapidadas e aprimoradas revolucionando o convívio em cada época. Será abordado a seguir um pouco mais sobre o nascimento, a passos lentos, da mídia, sistema que revolucionou os modos de vida em sociedade. Trazendo aos homens, importantes técnicas de re/produção do conhecimento. Ferramentas que fariam parte da existência humana de maneira corriqueira.

Caminhos percorridos com saberes transformadores/controladores dos hábitos que rodeavam a dissimulação hegemônicas. Mudanças nas finalidades midiáticas que soavam muito bem aos receptores em várias partes do mundo. Demonstrando sua importância nos períodos vividos em forma de via de mão dupla. O que se tornou repudiada, inicialmente, e aceita conforme os estudos a seguir.

2.1 A prensa gráfica como propulsora das telecomunicações

A realidade social é um universo repleto de pessoas de várias etnias, de vários universos e de múltiplas formas de ver e entender a realidade social. Essas pessoas apresentam, cada uma, uma forma especial de ver e compreender a realidade na qual estão inseridas. Essa forma de compreensão acerca da realidade é fruto de vários ensinamentos oriundos de várias formas de se ensinar, como: a religião, as ciências, as famílias e outros. É possível, ainda, que as ideologias, que circulam dentro dessa realidade social que abarca os vários tipos de pessoas e suas crenças, possam efetivamente possibilitar a construção da forma pelas quais as pessoas irão se relacionar com a realidade, pois “um novo tipo de subjetividade humana está se formando” (SILVA, 1995, p. 214).

Em um mundo cada vez mais complexo, onde as mudanças são constantes, torna-se necessário um olhar aguçado sobre alguns mecanismos que contribuem para tal complexidade. Um desses mecanismos de transformação é o que chamamos de Mídia. De acordo com o dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa “mídia” pode ter vários sentidos entre eles pode-se citar: “Departamento de agência publicitária que seleciona meios de comunicação (rádio, televisão,

cinema, etc)” (LEXIKON, 2011, p. 925), e ainda para o dicionário virtual do Google, mídia é “todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens”.

Portanto, em ambos os conceitos mídia é vista como um termo que está relacionado diretamente com fatores relevantes para o meio social: a informação e a transmissão de mensagens. Em outras palavras, a mídia é “[...] uma força educacional substancial, senão a principal, na regulação de significados, de valores e de gostos, que estabelecem as normas e as convenções que oferecem e legitimam determinadas posições de sujeito” (GIROUX, 2003, p. 130). Nesse sentido, a mídia pode ser entendida como um meio capaz de gerar nas pessoas concepções, ideias, formas de entender e ver determinada situação. É, pois, fator importante para transmissão de mensagens, de ideologias e de maneira de viver.

Nos últimos anos, tem-se observado um número crescente de pesquisadores e críticos das mais variadas áreas, como: educação, economia, política, dentre outras, que se propõem a discutir sobre a temática que vem, a cada dia, ganhando força, o que se verifica no livro de Asa Briggs e Peter Burke intitulado “Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet”, onde este, pesquisando no Oxford English Dictionary, afirma que “foi somente na década de 1920 que as pessoas começaram a falar de mídia” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 11).

Os estudos mais rudimentares sobre os meios de comunicação referentes à origem da mídia não são precisos, nesse caso, a retórica, arte da comunicação oral e escrita, por exemplo, era muito utilizada pelos gregos e romanos. No entanto, “Não há evidências o marco zero do começo da história” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 15), que identifique o nascimento da mídia. Visto que ela perpassa por longos períodos como o início da linguagem, alfabeto e outros, mas podemos passar por períodos importantes que contribuíram com transformações significativas para a humanidade.

O primeiro momento, que antecede à Idade Moderna na Europa, é o chamado “Revolução da Prensa Gráfica”, criado por volta de 1450, por Johann Gutenberg de Mainz. Com a chegada da prensa gráfica, “talvez inspirado nas prensas de vinho de sua região natal, banhada pelo rio Reno – que usava tipos móveis de metal” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24), criou-se a revolução dos métodos da impressão, deixando para trás China e Japão que já praticavam a impressão com outras tecnologias mais rústicas e sem avanços. Livros impressos foram produzidos de tal forma que este passou a ser o meio de comunicação que fez a produção e

transmissão do conhecimento ser mais acessível e de fácil locomoção. Tornou-se um produto comercial rentável do ponto de vista econômico. Expandiu-se tanto que de acordo com Briggs e Burke:

A prática da impressão gráfica se espalhou pela Europa com a diáspora dos impressores germânicos. Por volta de 1500, haviam sido instalados máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa – 80 na Itália, 52 na Alemanha e 43 na França. As prensas chegaram a Basiléia em 1466, a Roma em 1467, a Paris e Pilsen em 1486, a Veneza em 1469, a Louven, Valência, Cracóvia e Buda em 1473, a Westminster (distinta cidade de Londres) em 1476 e a Praga 1477. Todas essas gráficas produziam cerca de 27 mil edições até o ano de 1500, o que significa que - estimando-se uma média de 500 cópias por edição – cerca de 13 milhões de livros estavam circulando naquela data em uma Europa com cem milhões de habitantes (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24).

O alemão Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (1400-1468), inventor, gravador e gráfico do Sacro Império Romano-Germânico, podemos assim dizer, causou uma enorme alteração e revolução na cultura através da expansão do saber. Obviamente que esses avanços causaram muitas resistências em alguns lugares do mundo. Conforme Briggs e Burke (2006), essa revolução precisava ter condições sociais e culturais favoráveis para se disseminar. Segundo os autores, os livros eram vistos como forma de pecado contra a Igreja. Decretos foram feitos para inibir a prática da impressão, devido o medo de gerarem heresias, uma vez que “a arte da impressão disseminará tanto conhecimento que as pessoas comuns, sabedoras de seus direitos e liberdades, não serão governadas de forma opressora” (HARTLIB, 1641 *apud* BRIGGS; BURKE, 2006, p. 26).

No século XVII, com a chegada da era do jornal moderno, as expectativas sobre as novas tecnologias da comunicação causava suspense por todos os lugares. As discussões, no mundo acadêmico, eram contínuas sobre a imagem impressa fazendo parte do meio de comunicação. Em 1472 a produção de mapas facilitou a comunicação por imagens, o que, anos mais tarde, passaria de duas dimensões simples para o globo tridimensional possibilitando assim um pensamento mais amplo sobre a forma da terra como um todo.

Apesar dos avanços, as notícias locais eram controladas para apenas informar e não abordar temas que trouxessem algum tipo de atitude de oposição pelo povo contra o governo dominante. Aqui se percebe que, ao passo que surgia as mudanças tecnológicas na comunicação, ao mesmo tempo ela tinha uma função, ainda que oculta, de manter o controle sobre a população. Dois fatos importantes

podem ser apresentados: 1º) Os avanços ajudaram a preservar o conhecimento; 2º) E também possibilitaram que se abrissem as portas para uma visão crítica acerca do governo graças a vários tipos de divulgações que passaram a ocorrer.

Em seus estudos, Briggs e Burke (2006) citam Karl Deustsch, cientista político, quando este declara a importância da comunicação ao afirmar que esta, são “os nervos do governo” (DEUTSCH apud BRIGGS; BURKE, 2006, p. 33). Como os Estados Europeus precisavam enviar comandos mais rápidos nas províncias, os governantes passaram a olhar para a comunicação com mais interesse. Este se pode afirmar, foi o principal motivo da expansão da comunicação postal. Postal no sentido de que “envolvia estabelecimento de postos com homens e cavalos estacionados ao longo de algumas estradas ou rota de correios” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 33). Antes, a carta era entregue por terra em longas cavalgadas, onde alguns mensageiros percorriam até 200 km/dia trocando de cavalos.

As mudanças continuaram a surgir devido a valorização de mensagens mais rápidas, na tentativa de objetivarem maiores e melhores resultados nos comandos de cada época. No tópico seguinte, mergulharemos no surgimento de inovações que fizeram o mundo “encurtar”, deixando o conhecimento, podemos assim dizer, a um toque.

2.2 Do código Morse ao celular: avanços tecnológico que revolucionaram a comunicação

O avanço a seguir, trata-se do que é conhecido como “código Morse”. De acordo com os estudos de Adriana Oliveira Bernardes (2016), que escreveu o artigo: “Do telégrafo à internet: A história da ciência em sala de aula”, exposto ao III Congresso Nacional de Educação – CONEDU, Os primórdios da telecomunicação remota ao século XIX:

[...] podemos dizer que a telecomunicação se inicia em 1837, quando Samuel Morse inventa o código Morse, transmitindo a primeira mensagem entre Washington e Baltimore, esse código era baseado em ruídos e sinais de baixa intensidade. A transmissão da mensagem era possibilitada por cabos. (BERNARDES, 2016, p. 04).

Samuel Finley Breese Morse (1791-1872), físico norte-americano, construiu o código baseado em apenas pontos e traços que, conseqüentemente, representavam

números e letras. Analisando o contexto dessa época, o código Morse foi um avanço significativo e de suma importância, já que deixou a comunicação mais rápida. O telégrafo, que é o sistema concebido para transmitir mensagens por impulsos elétricos de um ponto para o outro, baseado nos códigos Morse, fez diminuir os espaços e aumentou as possibilidades de transmitir mensagens rápidas.

No ano de 1860 o italiano Antônio Meucci deu um passo importante ao inventar o telégrafo falante, que era um meio de se comunicar com sua esposa doente que ficava no quarto acima de seu laboratório. A história de Meucci trouxe muita controvérsia com a descoberta de Graham Bell, por este ser considerado o inventor do telefone, pois a matéria relacionada à descoberta de Graham Bell só foi noticiada em 1876, 16 anos após a descoberta de Meucci. Considerado o primeiro avanço do ramo da eletricidade, o telégrafo influenciava diretamente na natureza moral, intelectual e modificava as ações humanas. Segundo estudos de Briggs e Burke (2006), a humanidade estava cada vez mais próxima do chamado progresso, e muitas coisas já eram ouvidas de imediato, abrindo espaços para cada um julgar o que estava acontecendo no exato momento.

Efeitos sociais e econômicos eram observados em várias partes do mundo desde o início do telégrafo. Filipa Subtil (2014), em seu ensaio “Tecnologia, economia e política: O telégrafo como antecessor da Internet”, baseado nos estudos do teórico norte-americano James W. Carey que escreveu um trabalho intitulado: “Technology And Ideology: The Case Of The Teleraph” (CAREY, 2009, pp.155-177), afirma que Carey vê o telégrafo como: “Uma força cultural que carrega ideologias, valores, cultura e política, constituindo uma pré-figuração da penetração do poder das corporations e da alta tecnologia no mundo das comunicações” (CAREY, 2009, *apud* SUBTIL, 2014, p 27).

As visões sobre os meios de comunicações passaram a ter outros significados. Já não era mais a de apenas encurtar os espaços que antes era separado por quilômetros. Agora é vista, também, como uma força capaz de influenciar na vida humana. De acordo com os estudos de Subtil:

O telégrafo irrompe como nova força produtiva, impulsionando novas leis, teorias econômicas, ordenamentos políticos, técnicas de gestão, estruturas organizacionais e racionalidades científicas que efetivaram o desenvolvimento de uma grande empresa monopolista privada. (CAREY, 2009 [1983]:158 – 159, *apud* SUBTIL, 2014, p. 29).

Empresas surgiram no mercado das telecomunicações, o que fortalecia o comércio e, conseqüentemente, o surgimento de novas tecnologias. Na Europa, a mídia bombardeava com todos os tipos de informações, e muitas matérias impressas serviram para o início do debate sobre a liberdade de imprensa, mesmo sabendo que a comunicação oral e a comunicação visual foram importantes em grandes momentos de nossa História, como: Revolução Protestante, Revolução Francesa, Revolução Industrial e outros períodos. Esses movimentos que a mídia fazia na tentativa de mudar pensamentos, ou, atitudes, culminaram no surgimento da opinião pública e, na França, deu origem à propaganda: termo que passou por vários significados que iria desde o sentido pejorativo até o sentido mais político.

As transformações tecnológicas fizeram com que o sistema de comunicação passasse de apenas materiais impressos para uma gama de variedades que incluíam palestras, muitas imagens e alguns festivais. E apesar de ter zigzagueado por vários países da Europa, regredindo e avançando, de acordo com Briggs e Burke:

[...] a partir da Reforma, a fragmentação da autoridade religiosa e política tornou impossível controle total pelos governos da impressão gráfica, que tinha por trás de si um forte interesse econômico. Esse interesse tornou-se ainda maior e aparentemente irreversível e irresistível nos séculos XIX e XX, quando os impressos se tornaram uma entre tantas tecnologias de mídias verbais e visuais dirigida por novas formas de poder finalmente convergindo para uma estrutura global. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 108).

Não podemos negar os fatores intrínsecos que regem tecnologia e economia ao longo do percurso de evolução das mídias, paralelo ao avanço e modificação da sociedade. Nesse avanço, o surgimento do telefone contribuiu para muitas modificações sociais. Os autores Briggs e Burke continuam contribuindo nessa linha de desenvolvimento tecnológico exemplificando os saltos evolutivos midiáticos. Para eles:

A história do telefone, que se tornou um instrumento de comunicação pública e privada, começou alguns anos antes, em março de 1876, quando Alexander Graham Bell (1847-1922), inventor norte-americano mas nascido na Escócia, patenteou seu "telefone", palavra usada pela primeira vez em 1796 para um método puramente acústico de comunicação. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 145).

Nesse momento, o telefone surgia como nova força difusora de conhecimentos que unia em larga escala os meios informativos. E apesar de ter um

discurso equivocado sobre o real inventor do telefone, Alexander Graham Bell (1847-1922), era o único capaz de mostrar sua descoberta com eficácia. Os autores afirmam que:

Ele o demonstrou na Exposição Internacional da Filadélfia, em 1876 (celebrando o centenário da Independência dos Estados Unidos). A primeira chamada telefônica de Bell para seu sócio Thomas Edison foi uma das mensagens que entraram para o anedotário: "Sr. Watson, venha aqui, preciso do senhor." Havia um elemento de folclore real ligado ao telefone também na Grã Bretanha. A rainha Vitória, a quem Bell tinha sido apresentado em 1876, ouviu atentamente Kate Field cantar a música "Comin' through the rye" e descreveu o aparelho que Bell havia trazido consigo como "um extraordinário" modelo. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 147).

Foi na década de 80 que a telefonia celular eclodiu pelo mundo de maneira emblemática e polarizadora, com as pessoas indo às lojas para comprar um celular, porque não queriam ficar de fora desse movimento acerca dessa grande novidade. Quase todos os países estavam adotando essa tecnologia que se expandia grandemente no mercado e influenciava a maneira das pessoas se comunicarem de forma mais precisa e fácil. Sem importar a distância, era possível falar com um toque com qualquer pessoa que estivesse conectada à rede. No Brasil, começou por volta de 1990. Segundo Dutra:

Foi na década de 1990 que os celulares tiveram um avanço no mercado de bens de consumo. Inicialmente usado por adultos para receber e fazer chamadas, os celulares tinham tamanhos grandes, eram caros e só a classe alta tinha acesso. A maioria desses aparelhos era de contas mensais e não havia muitas funcionalidades. No Brasil, os primeiros prefixos para celulares foram 9982, no Rio de Janeiro. A reportagem da revista *Veja* "Turma do 9982" (22/08/2012) relembra que as primeiras linhas chegavam a custar 20 mil dólares; assim, somente pessoas com elevado prestígio social eram portadoras dos telefones móveis. (DUTRA, 2016, p. 104).

Alguns estudos mostram que o nascimento da telefonia criada por Alexander Graham Bell (1847-1922), e seu sócio Thomas Watson (1874-1956), foi vista no início com muita desconfiança, afirmado por Briggs e Burke (2006), não havia necessidade de telefone; a sociedade sempre passou bem sem ele. Haja vista que "no século XX o telefone viria a se tornar uma 'necessidade' para muitas pessoas, tanto no trabalho quanto em casa – na realidade mais tarde com o celular, também na rua" (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 147).

Mudanças sociais, econômica, culturais, políticas e ideológicas aconteciam com o desabrochar midiático. As tecnologias faziam os espaços ficarem cada vez

mais curtos entre as pessoas, trazendo novos significados sobre tudo. Os artefatos da mídia passaram a ser objeto de desejo para muitos, pois nesse tempo “cada meio de comunicação tendia a criar um perigoso monopólio de conhecimento” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 16). As descobertas abriam caminhos para outras novas descobertas que serviam de combustível do comércio. O telefone, por exemplo, mesclava propriedades tanto de cartas quanto de jornais.

Apesar de a telefonia ter crescido tanto e chegado à era da *Internet*, ainda assim faltava algo que turbinasse de vez essas transformações ocorridas ao longo da História. E no final do século XIX, nascia o cinema. Este, conforme Kornis (2008), derivou de formas populares de cultura, como: o circo e a pantomima⁴. Percebe-se aqui que não existe o nascer de uma supertecnologia pronta e acabada, já que o que há é sua transformação ao longo dos tempos, abrindo caminho a outras bem mais modernas. As mídias surgem das necessidades humanas que, por sinal, dá indícios de nunca ter fim. No início, o cinema não era como se conhece hoje, com enredos caracterizando início, meio e fim. Em seus estudos, Kornis afirma:

Não era filmes tais como vemos hoje. Tratava-se de uma sucessão de quadros entrecortados por letreiros, com uma câmera fixa que, no máximo, girava sem perder o ponto de base. Sem desenvolverem uma história com começo, meio e fim, esses filmes exibiam povos e territórios longínquos e acontecimentos variados, tornando-se ainda instrumentos de investigações científicas e atrações nas feiras universais que celebravam as novidades técnicas. (KORNIS, 2008, p. 8).

Apesar de o cinema ter iniciado sem muitos apetrechos — filme com grande duração, ator principal, cena realística — isso não o impedia de ser uma grande fonte do conhecimento histórico e, ao mesmo tempo, uma forte engrenagem econômica, o que fez surgir no século XX o televisor. Conforme estudos de Santos e Luz:

A televisão foi consolidada no século XX, estabelecendo-se como um grande veículo de massa, por trazer consigo um meio de entretenimento, informação noticiosa e formação cultural. O império construído pela televisão é tão grande que outros veículos comunicacionais como o cinema, rádio, jornais e revistas acabaram por se reestruturar diante do crescimento e desenvolvimento desta plataforma. (SANTOS; LUZ, 2003, p. 35).

⁴ Pantomima é um teatro gestual que faz o menor uso possível de palavras e o maior uso de gestos através da mímica. É a arte de narrar com o corpo. É uma modalidade cênica que se diferencia da expressão corporal e da dança, basicamente é a arte objetiva da mímica, é um excelente artifício para comediantes, cômicos, palhaços, atores, bailarinos, enfim, os intérpretes.

Na época, segundo Camargo (2009), as imagens transmitidas nos anos 20 eram de baixíssima resolução, tendo em vista que eram de aproximadamente 60 linhas. Hoje, as televisões analógicas têm resoluções de aproximadamente 480 linhas. Isso mostra que com o passar dos anos a indústria se fortaleceu dando origem a novos avanços em suas produções.

A primeira televisão popular surgiu em 1946, período seguinte ao término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), fazendo muitas transmissões e levando a televisão a não ser mais considerado um protótipo. A evolução foi gigantesca, pois as imagens chegavam a quase todos os lugares. Expandia assim o que tempos mais tarde seria chamado equiparada como “o quarto poder”, deixando claro sua importância e nivelamento aos três poderes legais que regem o Brasil (Poder Executivo, Legislativo e Judiciário).

Nas décadas seguintes, o que não era importante em nossas vidas passou a ser peça fundamental para o cotidiano. Criou-se o hábito pelo uso dessas ferramentas, tornando-se cultural. Valores e costumes são cada vez mais modificados visto que, segundo Giroux (2003), a interface entre o capital global e as novas tecnologias eletrônicas redesenha e reformula a face do futuro.

Megacorporações trazem inovações tecnológicas, o que movimenta diversos meios midiáticos (como cinema, filmes, videogames e televisão). A cultura, segundo estudos, transformou-se em foco principal devido esta ser o mecanismo pelo qual as práticas sociais surgem e são repassadas. Para Giroux:

A cultura torna-se política não apenas quando é mobilizada pela mídia e por outras formas institucionais que atuam de maneira a garantir certas manifestações de autoridade e relações sociais legítimas, mas também como um conjunto de práticas que representam e empregam o poder, moldando assim identidade particulares, mobilizando uma variedade de paixões e legitimando formas precisas de cultura política. (GIROUX, 2003, pp. 18,19).

Douglas Kellner (2001) conceitua essas Megacorporações como “indústria cultural”, já que elas:

Fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou importante. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: defini o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (KELLNER, 2001, p. 9).

É importante salientar aqui que essa atitude de “fornecer o material” significa que existe uma finalidade com intenções bem claras, considerando a cultura da mídia como importantes meios informativos, de entretenimento e difusão de valores sociais e culturais. Mas, em contrapartida, outras coisas não estão bem claras, como: sutis desejos, ideologias ocultas que colonizam o imaginário humano. Conforme Sabat (2002), os filmes infantis são denominados de “artefatos culturais”, materiais feitos com alguma finalidade.

Torna-se cada vez mais importante estar atento a essas finalidades, sabendo que os propósitos nem sempre são benéficos para o ser humano. Nesse afã, bilhões são investidos progressivamente para tentar influenciar a humanidade a pensar e agir de determinada forma que certos grupos pretendem. Principalmente as crianças. Elas são afetadas de maneira direta e isso pode trazer complicações no desenvolvimento ético, cultural e psicológico, da criança, haja vista que as crianças estão em formação. A evolução tecnológica tem contribuído drasticamente para que essas ações midiáticas possam ocorrer de maneira mais enfática, atingindo até mesmo quem vive excluído da sociedade.

Na próxima seção, serão abordados os artefatos culturais que são produzidos e compartilhados socialmente para compreendermos um pouco mais sobre sua influência modificadora em um de seus badalados públicos: as crianças. Procurar-se-á demonstrar que milhões de crianças podem estar sujeitas a certas informações, à determinadas ideias que podem moldar suas identidades e subjetividades.

3. A FORMAÇÃO DA CRIANÇA POR MEIO DOS FILMES INFANTIS

É impossível olhar para a vida contemporânea e não reconhecer a importância da mídia no cotidiano humano. Um desses mecanismos dicotômico bem conhecido é denominado de filmes infantis. Nessa seção, tem-se por finalidade historicizar a evolução das narrativas sob as formas de imagens tridimensionais, as quais descarregam nas crianças bilhões de ideias e imagens massificadas em seus conscientes. Já que esse contato é quase que impossível de não acontecer, torna-se necessário entendê-lo como currículo que constrói/desconstrói saberes que são aceitos e utilizados na vida social.

Saberes que interferem na construção das identidades ensinando modos de agir, pensar, falar, aceitar ou repudiar tudo que foge, podemos assim dizer, ao “normal”, como veremos no capítulo seguinte.

3.1 Espanto: O desejo para o conhecimento

Os artefatos culturais, na maioria das vezes, possuem um público alvo. E em uma sociedade cada vez mais “sem tempo”, a criança passa a ser o foco principal dessa articulação muito bem pensada e planejada. Sabendo que ela, a criança, além de possuir tempo necessário para estar em contato com os produtos, tem na infância a sede pelas descobertas.

De acordo com o dicionário (2008), o termo *criança* significa: “ser humano, de pouca idade, menino ou menina, pessoa ingênua, inexperiente e infantil”. Em várias outras versões, como o dicionário (2011), podemos constatar: um ser humano não adulto que está no período da infância (fase antes da puberdade) e que é sem experiência, ingênua e inocente. Em seus ensaios, Philippe Ariès cita A. Besançon deixando claro que “a criança não é apenas o traje, as brincadeiras, a escola, nem mesmo o sentimento da infância [ou seja, modalidades históricas, empiricamente perceptíveis]; ela é uma pessoa, um processo, uma história, que os psicólogos tentam reconstituir” (A. Besançon, 1973 apud Ariès, 1981, p. 7).

Estes conceitos de criança fizeram com que as crianças, ao longo dos tempos, passassem por tristes momentos em sua história. Antes, a criança vivia à margem da sociedade e sem a devida atenção. Ela precisava chegar a certa idade para poder ser considerada apta a ingressar no meio social. Segundo Ariès (1981),

mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos.

Ao longo dos anos se evidenciou grandes mudanças relacionadas ao desenvolvimento infantil, com a valorização desse período de pouca importância na época. Conforme Ariès:

A família começou então a se organizar em torno da criança e lhe dá uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar (ARIÈS, 1981, p.05).

Grandes estudiosos como Jean William Fritz Piaget (1896 - 1980), Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879 - 1962), Lev Semenovitch Vygotsky (1896 - 1934), trouxeram contribuições valiosas na visão que se tem hoje sobre o desenvolvimento da criança em seus períodos de crescimento no campo da psicologia. O Estado, com o tempo, reforçou através de muitas leis a importância da criança ter, no momento de sua infância, tempo mais significativo, rico e prazeroso em seu desenvolvimento inicial. Já que esta, “[...] começa sua vida em meio a objetos e fenômenos criados pelas gerações que a precederam e vai se apropriando deles conforme se relaciona socialmente e participa das atividades e práticas culturais” (FONTANA, 1997, p. 57).

Nossa sociedade mostra-se complexa no decorrer dos anos e cheia de elementos tecnológicos, fazendo com que seja inevitável o contato da criança com as mídias. De acordo com Fontana:

A atenção, assim como a percepção e a memória, é uma atividade psicológica com a qual nascemos. Como o de outras espécies, nosso organismo é dotado de mecanismos neurológicos inatos que permitem selecionar estímulos do ambiente apropriados à sobrevivência. Nascemos com mecanismos de atenção involuntária, que nos permitem perceber e responder automaticamente aos ruídos fortes, objetos em movimento e mudanças bruscas do ambiente. (FONTANA, 1997, p. 62).

Obviamente que em uma sociedade midiaticizada, a cultura da mídia chega facilmente até as crianças. Através de uma simples, suave e bem articulada música tranquilizadora, indo até as imagens que se movimentam cheias de cores, lindas paisagens e sons. As imagens, conforme os estudos de Suzana Vieira da Cunha (2005), sejam elas do mundo físico, das representações, do imaginário simbólico, da

virtualidade, constituem as marcas e os percursos da memória. O que vai se acumulando e trazendo consigo representações e significados do mundo à volta.

A criança emerge no mundo das mídias ingenuamente, absorvendo cada estímulo que lhe é transmitido. E, certamente, o que antes era um mecanismo de atenção involuntária, passa aos poucos a ser mecanismo voluntário, já que os estímulos transformam-se em elementos relevantes com o desenvolvimento. Este desenvolvimento, por sua vez é “[...] um processo de internalização de modos culturais de pensar e agir” (FONTANA, 1997 p. 63).

É importante notar a valorosa contribuição dos estudos de Catherine L'ecuyer (2012) no qual afirma que “el motor de la motivación del niño es el asombro”⁵ (L'ECUYER, 2012, p. 29). A criança maravilha-se com as coisas em nossa volta e questiona o que para nós é considerado normal. L'Ecuyer afirma que:

El asombro es el deseo para o conocimiento. Ver las cosas con ojos nuevos permite quedarnos prendados ante su existencia, deseando conocerlas por primera vez o de nuevo. Los niños pequeños se asombran porque no dan el mundo por supuesto, sino que lo ven como un regalo. Este pensamiento metafísico es propio de la persona que constata que las cosas son, pero podrían no haber sido. Somos – el mundo es – contingentes. Si dejamos de existir, el mundo sigue... Sin embargo, participamos de algo más grande... El mecanismo natural del asombro es precisamente lo que nos permite trascender de lo cotidiano y llegar a ello⁶. (L'ECUYER, 20012, p. 31)

Esse mecanismo natural denominado de “assombro” é inato na criança , segundo L'Ecuyer (2012), por isso evidenciamos o gosto e a alegria que a criança sente ao se deparar com um filme infantil, recheado de figuras chamativas que podem apresentar olhos grandes ou pequenos e uma infinidade de gestos, cores, profundidades e perspectivas, reproduzidos à sua frente. Um momento que não precisa de muitos apetrechos para fazer a alegria da criança e mantê-la com os olhinhos fixos na tela.

3.2 A formação da criança no mundo dos filmes Infantis

⁵ “o motor da motivação da criança é o espanto” (L'ECUYER, 2012, p. 29) (Tradução Livre).

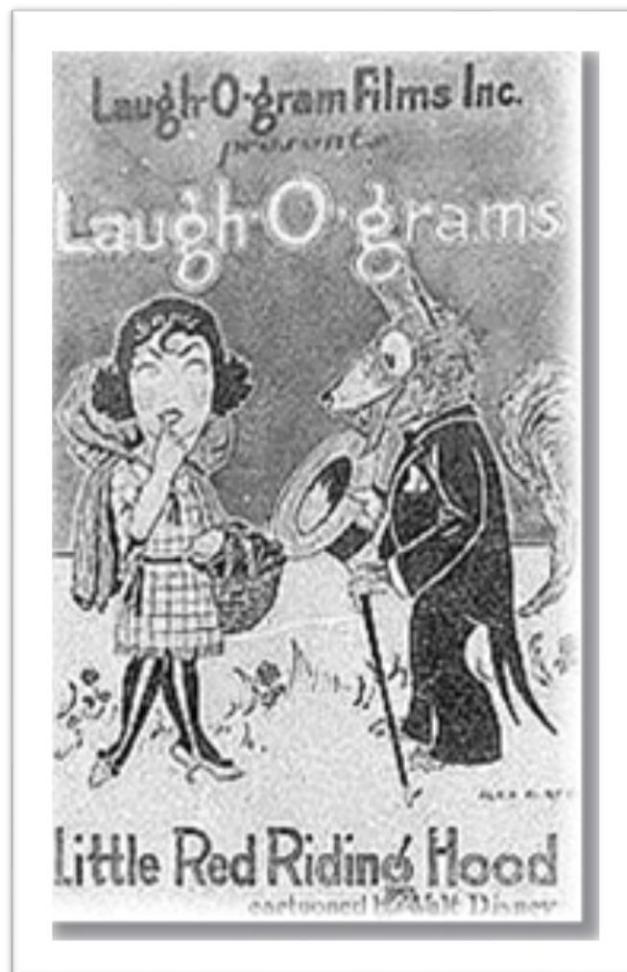
⁶ O espanto é o desejo para o conhecimento. Ver as coisas com novos olhos nos permite ficar cativados por sua existência, querendo conhecê-los pela primeira vez ou novamente. As crianças pequenas ficam maravilhadas porque não dão o mundo, é claro, mas veem isso como um presente. Este pensamento metafísico é típico da pessoa que acha que as coisas são, mas não poderiam ter sido. Nós somos - o mundo é - contíguo. Se deixamos de existir, o mundo continua. No entanto, participamos de algo maior ... O mecanismo natural do assombro é precisamente o que nos permite transcender o cotidiano e chegar lá (L'ECUYER, 2012, p.31). (Tradução Livre).

Os artefatos culturais “aliados às grandes corporações empresariais, compõem uma rede quase inescapável” (COSTA, 2009, p. 27). Nessa rede estão as empresas do ramo da música vendendo seus produtos sonoros, empresas de todos os ramos que produzem objetos como telefones, notebooks, materiais escolares, que aguçando o desejo pela posse de seus produtos, Para a autora:

O consumo é o centro organizador da ordem social, política, econômica e cultural do presente, e todos nós somos “educados” para e por ele. Na sociedade de consumidores somos constantemente ensinados, segundo os moldes da melhor pedagogia do exercício e do exemplo, a fomentar a realização dos desígnios dessa sociedade. As crianças de hoje nascem dentro da cultura consumista e crescem modelando-se segundo seus padrões e suas normas (COSTA, 2009, p. 35. 36).

O primeiro filme direcionado ao público infantil foi *Little Red Riding* (Chapeuzinho vermelho), com duração de mais ou menos 6 minutos, lançado em 1922 pela Walt Disney:

Imagem1: Cartaz do filme Chapeuzinho Vermelho de 1922



Fonte: Wikipedia, 2019

A partir de então, constatou-se um terreno fértil para dissipação e produção cultural desse tipo de mídia, tendo este campo, um retorno significativo e compensatório para as corporações que viam na infância um ramo lucrativo: Tanto para vender os filmes, quanto para vender elementos relacionados aos filmes. Em busca rápida no Google, encontramos a definição de filme infantil ou filme familiar como um gênero de filme que contém crianças ou é relacionado a elas no contexto familiar.

Filmes infantis referem-se a filmes que são feitos especificamente para crianças e não necessariamente para o público geral, enquanto filmes familiares são feitos com um apelo mais amplo para o público em geral. Filmes infantis têm várias das principais formas de expressão, como: o realismo, a fantasia, a animação, a guerra, o musical e adaptações literárias. Tendo larga abrangência e agindo com forte influência sobre as várias crianças das múltiplas camadas sociais, os filmes infantis estão inseridos na realidade brasileira de maneira natural, sem que haja algum tipo de esforço a mais. Pelo contrário, esse gênero de produção cinematográfica apresenta grande aceitação entre as crianças e até os adultos.

O cartaz do filme *Little Red Riding* (Chapeuzinho vermelho) acima mostra o desabrochar da indústria do cinema, ainda em preto e branco, em processo de transformação e sem tantas tecnologias como se tem hoje. Mesmo assim, foi um sucesso na época, atraindo centenas de adultos para o novo cinema voltado ao público infantil que surgia. As crianças, automaticamente, começavam a ter mais acesso às produções. Conforme Alves (2016), os filmes infantis têm um importante papel na produção cultural que ampliam possibilidades de servir de instrumentos de educação direta ou indireta, seja pelo viés formal ou informal. Os filmes podem ser ótimos instrumentos de ensino, desde que haja uma preocupação por parte do professor em escolher o filme seguindo a faixa etária dos educandos e refletindo antes sobre o conteúdo do filme e o que se quer ensinar;

Os filmes infantis não vão expor explicitamente o consumismo em forma de produtos, apesar de deixarem claro em outros momentos, mas sim, trarão produções culturais bem articuladas com valores e crenças diferenciadas de todas as regiões do mundo. São estruturas que vão desde as harmoniosas composições musicais, caracterização de personagens, imagens gráficas, vozes, traços marcantes de povos longínquos e animais com formas humanas, trazendo alegrias, sonhos e

desejos sobre a forma de imagens. A imagem a seguir, mostra como estão hoje as superproduções de filmes criados e elaborados especificamente para as crianças:

Imagem2: Cena do filme Viva - A Vida é Uma Festa (2018)



Fonte: wallpaperswide, 2019

De acordo com o site Observatório do Cinema o filme da imagem 2 bateu a marca de US\$ 800 milhões na bilheteria mundial. Explorando o feriado do Dia dos Mortos (Día de los muertos) do México, o filme conta a história do jovem Miguel que sonha em ser músico, enquanto sua família o proíbe de tocar qualquer tipo de instrumento musical por ser a música um problema familiar antigo.

O filme, segundo o site, ganhou dois Oscars, por Melhor Animação e Melhor Canção Original intitulada “Remember Me” (Lembre-se de mim, em Língua Portuguesa). O enredo do filme mergulha sobre a crença vivenciada no México de que naquele dia é preciso que as pessoas lembrem-se dos mortos colocando as fotos dos mortos em locais visíveis de suas casas junto com as oferendas para que estes continuem existindo no mundo dos mortos, enquanto são lembrados no mundo dos vivos e, assim, poderem passar a ponte que liga os dois mundos onde estes poderão usufruir das oferendas e poderem ficar perto dos seus entes que estão vivos.

O filme ainda retrata a existência dos *Alebrijes*⁷, guias espirituais que assumem todas as formas possíveis (como cachorro e gatos), que estão perto de nós e dispostos para auxiliar com seus poderes. Esses elementos espíritas podem

⁷ Alebrijes são uma combinação de vários animais, não apenas fantásticos, mas também reais.

ser interpretados por algumas crianças como algo verdadeiro e real para a cultura delas e trazer complicações culturais, religiosas e existenciais. Mesmo sabendo que essa diversidade é garantida por lei e que enriquece nossas visões de mundo e crenças. Não se está defendendo aqui que a diversidade cultural não seja respeitada. Não. Toda cultura tem seu valor e merece ser respeitada, mas se defende aqui que pais e educadores estejam sempre apostos a esclarecer pormenores e curiosidades que as crianças demonstrem interesse para que elas possam crescer saudavelmente.

Cada filme é uma história que faz a criança mergulhar na fantasia, ou no enredo real. O enredo real ou imaginário faz com que as crianças caminhem juntas com a história, tecendo o cotidiano infantil que fica atraído e faz com que a criança não perceba o tempo passar, “abordadas pelas pedagogias culturais midiáticas” (FLOR, 2009, p. 153). Pedagogias que transformam e modelam ingenuamente concepções de mundo construídas pelos adultos por trás das cadeias informais dos artefatos culturais que penetram facilmente o mundo infantil. Sabat informa que:

Nos últimos anos o consumo de filmes infantis tem aumentado consideravelmente, seja em relação ao número de público de bilheteria, seja em relação à aquisição desses filmes através de fitas de vídeo. Crianças cada vez menores têm autonomia para assistir filmes em vídeo cassetes, sem depender dos adultos. (SABAT, 2002, p. 13).

Os signos, materializados em forma de artefatos culturais, tornam-se “instrumentos pedagógicos” fortíssimos no desenvolvimento sócio-histórico e cultural da criança. Neles, “dicotomias estão sempre presentes de maneira explícita: o bom e o mau, o herói ou a heroína, o vilão ou a vilã, o puro e o impuro” (SABAT, 2002, p.2). Desde cedo a criança é estimulada a ter, em sua vida, comportamentos bons ou maus. Se ela obedecer, ela será uma criança boa; não obedecendo, ela será uma criança ruim, mas sempre induzida a obedecer aos comandos dos mais velhos, chegando aos termos tão comuns e generalizados: “o bom garoto, a boa garota, a boa menina ou o bom menino”.

É notório entender que as crianças vão se familiarizar com alguns personagens e nem sempre serão os “bonzinhos”. Elas sentirão o prazer e a alegria em absorver os comportamentos e ideias daqueles que são os antagonistas dos filmes. Instigando-as a terem um maior acervo característico dos personagens, atitudes semelhantes que podem ser prejudiciais para as crianças: dependendo o que elas estiverem imitando. Os filmes infantis são vistos e revistos criando a ideia

do belo, do corpo/rosto que é bonito, atraente e daquele corpo/rosto que é feio, e que não é aceito no ciclo social, nesse caso, o gordo, o baixo ou exageradamente magro. E hoje, com bilhões de possibilidades, os filmes aguçam o imaginário infantil como podemos notar na imagem abaixo:

Imagem 3. Filme Up! Altas aventuras (2009).



Fonte: wallpaperswide, 2019.

Nela podemos ver a casa de Carl Fredricksen, um senhor de 70 anos de idade, vendedor de balões que está prestes a perder sua casa e ser internado. Então decide colocar milhares de balões coloridos presos na chaminé, levantando voo rumo ao desconhecido. Uma imagem não comum de ser ver no cotidiano, reforçando a ideia que “a cultura empresarial esta reescrevendo a natureza da cultura infantil” (GIROUX, 2003, p. 127).

A criança vai se apropriando das ideias e modos divulgados pelos filmes infantis produzidos a cada instante e direcionados a elas. E esses aprendizados são facilmente perceptíveis, ao ver que a criança pode externar seus sentimentos de alegria em ver Carl Fredricksen saindo em viagem com a casa dele e, também, quando demonstram sentimento de desafeto por aqueles que tentaram tirar a casa do pobre velhinho. Elas podem expressar raiva ou carinho pelas atitudes corretas ou errôneas criadas por adultos nos filmes infantis.

Constata-se que há consequências não desejáveis pelo fato dos filmes infantis não serem vistos/usados em formas de ferramentas úteis na construção da criticidade na criança em seu processo de desenvolvimento escolar e social, isto é,

os filmes podem estar sendo usados apenas para entretenimento: um passatempo que ajuda a fortalecer ideias adultas, hegemônicas, cheias de significados que irão perdurar em seus anos seguintes e isso não é bom;

Nessa situação a criança passa a reescrever a história com outros olhos, que fazem seus saberes tomar posições de lado. Um mundo interiorizado de normas e condutas adultas trazendo novos aprendizados. Observar essas articulações impostas por centenas de narrativas sobre a estrutura de imagens, a criança torna-se influenciada por essas imagens no mundo secular. Já que em contato com os artefatos culturais a criança descobre culturas de outros tempos. Um bom exemplo disso é o filme a seguir que relata as experiências de povos antigos e práticas vividas em outra época com outras culturas.

Imagem 4. Cenas do filme Como Treinar o seu Dragão (2010)



Fonte: wallpaperswide, 2019.

Esse filme apresenta o povo *Vikings*, guerreiros corajosos que viviam combatendo dragões em arenas como sinal de amadurecimento para a comunidade. Povos que capturavam dragões — répteis, de todos os formatos e tamanhos que voavam e cuspiam fogo — para os colocarem em arenas onde os bravos da comunidade (Jovens fortes e valentes) serem treinados para matá-los, já que a vila era constantemente invadida por dragões que comiam os gados. A heteronormatividade sempre presente, no que se refere ao adolescente “Soluço”, de 15 anos, filho do chefe Stoico, que era apaixonado por Astrid, jovem corajosa que sempre estava seguindo os costumes (ordens) da sociedade.

De acordo com Cardoso, Oliveira e Dias (2015), os filmes trazem para o mundo infantil uma mistura de fantasia e diversão, propondo à criança modos de pensar e agir em sociedade. Em cada filme milhões de conteúdos, valores e ensinamentos são apresentados para se aprender e fazer parte da vida infantil. Algo que penetra profundamente no imaginário da criança. Assim, Sabat afirma:

Considerando a enorme penetração que estes artefatos culturais têm tido no mundo contemporâneo, principalmente no dia-a-dia das crianças, afirmo que eles se constituem como recursos pedagógicos de produção e transmissão de conhecimentos e saberes, e fazem parte de um amplo e eficiente currículo cultural (SABAT, 2002, p. 01).

Não é preciso ir longe para constatar a alegria da criança ao contato com as grandes produções e narrativas imersas nos artefatos culturais, pois as megacorporações investem pesadamente em divulgações chamativas que usam os informes publicitários que trabalham para conquistar o público. O interesse é visível sabendo que antes mesmo de falar, percebe-se que “[...] a emoção é uma linguagem antes da linguagem” (ZAZZO, 1978, p. 98).

A emoção cria na criança o desejo de ficar mais próxima dos artefatos culturais, pois esses artefatos são o objeto que lhe traz alegria e fantasia, o que amplamente é visto no convívio com os outros cantando, imitando alguns personagens com gestos, falas ou vestimentas. “As mídias estão contrabandeando o hábito de viver com as mídias” (GITLIN, 2003, p. 12). A criança passa a sentir satisfação com os artefatos culturais a ponto de não sentir falta da presença dos pais e das mães por perto, mostrando os laços construídos com os filmes infantis e a necessidade de consumir produtos que tenham alguma relação com os filmes que assistiram, como: jogos eletrônicos, roupas, armas de brinquedo e bonecos.

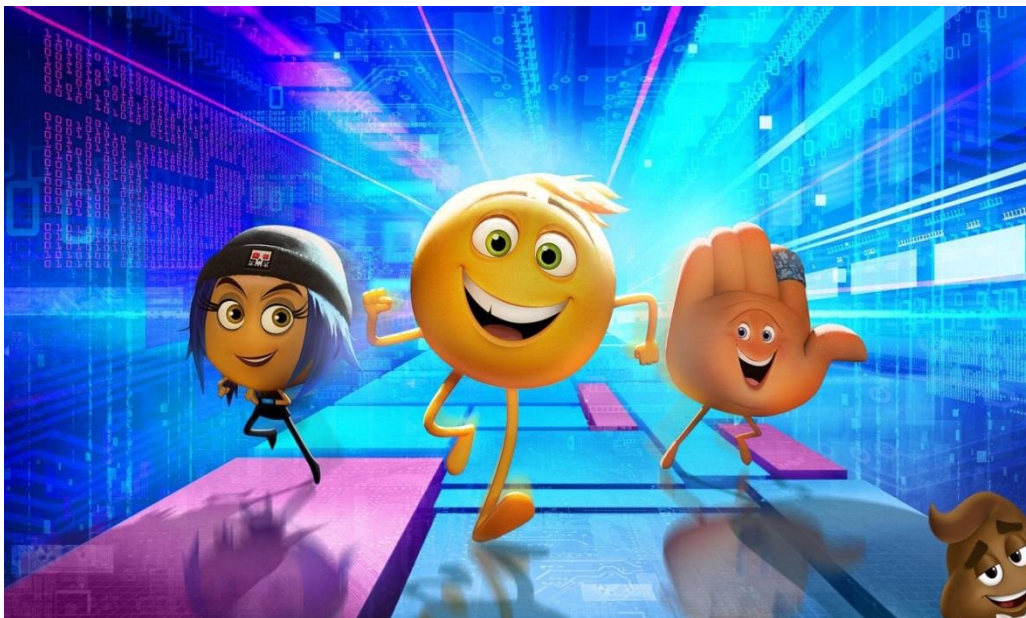
Obviamente que os filmes infantis, em contrapartida, trazem outros ensinamentos que podem configurar uma predominância de valores hegemônicos, como, por exemplo, disseminar que a heterossexualidade aparece como algo natural e não como uma condição que é construída culturalmente, ou a afirmação/reafirmção/confirmção de certa sexualidade como normal e natural (SABAT, 2002). Giroux já encurtava o discurso ao afirmar que é:

[...] desnecessário dizer que a importância dos filmes animados opera em muitos registros, mas um dos mais persuasivos é o papel que eles exercem como novas “máquinas de ensinar”. [...] Estes filmes inspiram no mínimo tanta autoridade cultural e legitimidade para ensinar papéis específicos,

valores e ideais quanto locais mais tradicionais de aprendizagem, tais como escolas públicas, instituições religiosas e a família (GIROUX, 1995, p. 51).

Essas máquinas de ensinar induzem a criança a ter condutas pré-determinadas ou agirem aceitando ou repelindo atitudes diferentes que fogem dos parâmetros construídos e estabelecidos nos artefatos culturais. É possível notar tal situação de maneira mais específica, e clara, no filme a seguir, já que ele procura retratar as condutas dos personagens dentro de uma realidade social que pode claramente representar a nossa realidade cotidiana:

Imagem 5. Cena do filme *Emoji – O Filme* (2017)



Fonte: wallpaperswide, 2019

O filme narra a história em Textópolis, uma cidade localizada dentro do aplicativo de mensagem de texto do celular de Alex. É interessante notar que cada morador é um emoji⁸ e possui apenas uma expressão facial, menos Gene, um emoji que teoricamente está sem filtro, que pode ter várias expressões faciais. Por ser assim, ele é visto como anormal e diferente, já que todos da comunidade possuem um único padrão comum. E por não conseguir usar apenas uma expressão quando foi acionado, gene causou uma pane e destruiu o local. Por isso, ele seria destruído por robôs antivírus que o fez fugir da cidade encontrando na fuga a hacker Rebelde,

⁸ Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa. Atualmente, os emojis são muito populares nas redes sociais (Facebook, principalmente) e em comunicações de troca de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, por exemplo.

decifradora de códigos e “superdescolada” com seu próprio modo de agir, vestir e falar. Uma emoji princesa que não aceitava a vida que lhe fora imposta, menina delicada, princesa e sempre bem vestida.

Os modelos são impostos por estruturas visuais, sonoras e ambientais, nos quais a criança se forma conhecendo várias formas de aceitar ou não a presença do outro caso este fuja das normas e padrões construídos. No seio familiar ela cresce sob certas formas e determinados hábitos disseminados pelos artefatos culturais. Mas, tudo tem novos significados e aceitação quando entra no mundo social, na socialização e no convívio do ambiente escolar, onde a criança encontra-se com muitas outras crianças com histórias e experiências diferentes, parecidas e curiosas. A escola é um importante veículo pedagógico-cultural que pode interferir nesse processo de constituição das identidades infantis midiaticizadas produzidas pelos filmes a elas destinados.

3.3 A relação entre filmes infantis, currículo e identidade

Em seus estudos, Maturana (1999), orienta que:

A educação é um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. (MATURANA, 1999, p. 29)

Podemos constatar que a aprendizagem não se esgota, ela é contínua. Sendo assim, a criança precisará de um ambiente adequado para fortalecer sistematicamente seu crescimento intelectual e identitário. Com isso, a escola, ambiente criado para desenvolver as habilidades intelectuais, motoras e sociais da criança, transforma-se no mecanismo estruturado que impulsionará os valiosos conhecimentos já adquiridos pela criança. Fontana (1999), expõe que apesar de a criança chegar à escola

Já dominando inúmeros conhecimentos e modos de funcionamento intelectual necessário à elaboração dos conhecimentos científicos sistematizados, durante o processo de educação escolar a criança realiza a reelaboração desses conhecimentos mediante o estabelecimento de uma nova relação cognitiva com o mundo e com o seu próprio pensamento. (FONTANA, 1999, p. 66)

O que podemos constatar é que essa alta exposição repetitiva dos filmes infantis reforçam representações, criando padrões aceitos. Pois sabemos que, as “[...] crianças os assistem dezenas de vezes, seja nas creches, nas escolas ou mesmo em suas próprias casas e, nesse processo repetitivo são colocadas em destaque determinadas identidades e criam-se padrões de homem, de mulher” (GIROUX, 2003, p. 177).

As influências vindas dos filmes infantis contribuem na construção da identidade. Influências que, de certa forma, são aceitas pela sociedade na qual forma o sentido característico dos filmes infantis que é ser uma espécie de filtro. Esse filtro tem a capacidade de externar formas e maneiras que determinam os grupos sociais (negros são ladrões, gays são anormalidades ou mulher deve ficar na cozinha), e que pretende valorizar dentro do meio social certas condutas. E **veem** nas crianças alvos específicos para essas polarizações e configurações de certas condutas consideradas importantes para a realidade social.

Hall (2006), considera as identidades fluidas, fragmentadas, em crise, sendo definidas histórica e culturalmente, e não determinadas biologicamente. O autor ainda afirma que:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (HALL, 2006, p.88).

Sabendo que “[...] as imagens massificadas preenchem nossas vidas cotidianas e condicionam nossos mais íntimos desejos e percepções” (GIROUX, 2003, p. 128), o autor alerta que:

O que está em questão para pais, educadores, e outras pessoas, é a maneira como a cultura, particularmente a cultura da mídia, tornou-se uma força educacional substancial, senão a principal, na regulação de significados, de valores e de gostos, que estabelecem e legitimam determinadas posições de sujeito (GIROUX, 2003, p.128).

A chegada da criança na escola pode parecer estranha para algumas crianças, mas para outras é um momento esperado, sonhado e cheio de descobertas. Ambiente novo e sem os familiares por perto onde muito já se havia fantasiado com as possibilidades de brincar com novos amigos e estar em contato com outros da mesma idade. É engraçado notar que mesmo com a motivação de

tudo isso, talvez ela ainda nem compreenda os reais significados. Daí a importância de se ter na escola um local confortável e alegre, pois “ a ausência do medo é a coisa mais bela que pode acontecer a uma criança” (NEILL, 1980, p. 09).

A escola, por sua vez, precisa estar atenta aos artefatos culturais, pois estes distribuem conhecimentos que contribuem no processo de aprendizagem e identificação da criança. Já que esta chega possuindo inúmeros saberes, experiências e ideias que irão ser reproduzidas nesse novo ambiente, imerso em complexas mudanças sociais ocorridas a cada segundo. Nesse sentido, os estudos de Araújo e Agustini chamados de “A leitura do não-verbal em filmes infantis e a educação moral”, contribuem afirmando que:

Por vivermos em um mundo cujos meios de comunicação se fazem cada dia mais presentes, a inserção das diferentes formas de linguagem no espaço educacional propicia aos alunos a reflexão e amplia o exercício da cidadania (ARAÚJO; AGUSTINI, 2009, p. 2-3)

A escola precisa atentar para os artefatos culturais, à sua linguagem imagética e seus encantamentos, pois:

A linguagem imagética desperta na criança um encantamento peculiar que afeta diretamente suas estruturas interiores. Estimula o desenvolvimento/aprendizado, já que a partir das sensações/percepções a criança pode se identificar com o mundo e apre(e)nder a realidade. (ARAÚJO; AGUSTINI, 2009, p.2).

Nesse momento, há o encontro dos significados dos filmes com os conteúdos do currículo escolar. De um lado, os filmes infantis, com viés informal educam ensinando formas de pensar, fazer, vestir, aceitar, repelir, escolher, constituindo identidades infantis. Currículo midiático e currículo escolar, pensado e planejado, agora caminham juntos. Juntos, não no sentido de um complementar o outro, mas, no sentido de um reafirmar, corrigir ou negar as ideias do outro.

Por isso, a importância de se conhecer profundamente as construções e ideias dos filmes infantis. Segundo Silva e Paraíso, ao “entender os filmes de animação como currículo, torna-se possível questionar que tipo de sujeito eles estão ajudando a construir” (SILVA; PARAÍSO, 2012, p. 4). Partindo do conhecimento curricular envolto nos artefatos culturais, é possível notar que os filmes infantis que circulam no cotidiano social não podem ser utilizados da mesma forma no ambiente escolar. Mesmo sendo uma prática crescente no âmbito educacional, é preciso, conforme Silva e Paraíso:

A análise dos artefatos, produzidos por essa instituição torna-se fundamental. Afinal, como educadores/as, precisamos aprender a ler criticamente esses materiais e entender de que maneira eles têm construídos narrativas sobre diferentes aspectos da vida contemporânea e sobre os diversos grupos sociais. (SILVA; PARAÍSO, 2012, p. 3)

Infelizmente o hábito “reflexão-ação-reflexão” princípio dialético defendido por Freire (1979), ainda é bem lento no Brasil, no que diz respeito à problematização dos artefatos culturais como sendo material didático importante na construção cognitiva, social e cultural da criança e não apenas um veículo de entretenimento infantil capaz de manter a atenção de crianças por longos minutos.

Em seu ensaio denominado de “Mídia-educação e cinema na escola”, Mônica Fantin contribui a respeito dos aparatos tecnológicos utilizados na escola. Para ela:

Embora a criança possa, “espontaneamente”, fazer da vivência de assistir filmes uma experiência de fruição, participação estética e significação, por que não ampliar tais possibilidades no sentido da autoria e da produção? Assim, a mediação educativa estaria cumprindo os objetivos e pressupostos da mídia-educação, fazendo educação com os meios (usando o cinema e os filmes em contexto de fruição), sobre os meios (leitura crítica através da análise cinematográfica) e através dos meios (produzindo audiovisual, fotografia, roteiro). Para tal, é preciso pensar em um trabalho com o cinema na escola que envolva tais momentos de saber, fazer e refletir, a partir de uma concepção integrada. (FANTIN, 2007, p. 6)

Esse novo olhar que pode ampliar os instrumentos midiáticos de maneira consciente, aproveitando-os de modo didático e construtivo para o desenvolvimento cognitivo e das identidades das crianças, Douglas Kellner e Jeff Share denominam de “alfabetização crítica da mídia”. Segundo Kellner e Share:

As inovações tecnológicas, a expansão dos impérios globais da mídia, uma explosão de novos tipos de mídia e um ilimitado bombardeio comercial à criança têm contribuído, atualmente, para a formação de um ambiente em que a juventude está crescendo num mundo mediado, muito diferente do de qualquer geração anterior. (KELLNER; SHARE, 2008, p. 668).

Sendo a criança o foco principal dos filmes infantis, nada mais coerente do que a escola — no papel de unidade formativa — despertar na criança os saberes críticos contra as ideias que as cercam para que possam “aprender a questionar criticamente as mensagens e imagens, para expressar suas ideias e exercitar plena participação na sociedade” (KELLNER; SHARE, 2008, p. 689).

É urgente compreender que não se pode deixar os aspectos educativos do desenvolvimento infantil a mercê, exclusivamente, dos artefatos culturais. O

rompimento das práticas repetitivas sem reflexão adequada no convívio escolar deve soar como um grito de ajuda dos profissionais da educação que precisam romper com antigas práticas. Segundo Kellner e Sahre:

[...] a alfabetização crítica da mídia é um imperativo para a democracia participativa, pois as novas tecnologias de informação e comunicação, associadas a uma cultura de mídia com base no mercado, fragmentaram, conectaram, convergiram, diversificaram, homogeneizaram, estabilizaram, ampliaram e remodelaram o mundo. (*Idem, ibidem*, 2008, p. 689-690)

Conforme Andrade e Costa:

A hibridação entre Educação e Comunicação tem contribuído para uma significativa discussão sobre pedagogias, uma vez que é destacada a implicação de artefatos que compõem o que tem sido denominado de cultura da mídia na formação de sujeitos hoje. Textos televisivos, jornalísticos, radiofônicos, publicitários, fotográficos, filmicos, assim como aqueles das assim chamadas novas mídias, conectadas a World Web Wide, são apenas alguns componentes desse universo midiático sempre em expansão (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 52)

Os estudos de Kellner e Share ainda contribuem na perspectiva de mudanças na educação informando que:

A alfabetização precisa de mudanças e a educação midiática deve acontecer de cima para baixo e de baixo para cima. A alfabetização deve ser reestruturada para ampliar a definição de um texto, incluindo novas formas de comunicação e cultura popular. Ela deve intensificar os nossos processos crítico-analíticos e explorar a recepção da audiência, para que se aprenda a ler e criar criticamente textos de mídia e buscar justiça social, além de compreender os contextos políticos, econômicos, históricos e sociais em que todas as mensagens são escritas e lidas (KELLNER; SHERE, 2008, p. 708)

É preciso entender como os filmes infantis agem por meio do currículo midiático nos telespectadores infantis constituindo suas identidades. De acordo com Veiga (1995), o currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive. Sendo assim, é preciso ter a consciência que ele não é neutro e nem pode ser separado do contexto social. Os conteúdos expostos pelos filmes infantis afetam diretamente as crianças ensinando diversas condutas em formas de múltiplos produtos sob as rédeas de determinadas ideias disseminadas. Esses conteúdos são apresentados como unidades fundamentais - ser homem, ser mulher, o bonito, o feio e o normal - de grande importância para a vida cotidiana, ou não. Nesse processo, as crianças são afetadas e tem suas identidades constituídas.

Torna-se plausível denominar esse sistema de conteúdos expostos pela mídia de “currículo midiático”. O currículo midiático é capaz de formar e transmitir conhecimentos e esses conhecimentos vem transformando nossa sociedade, agindo como uma via de mão dupla que forma e reflete os ideais sociais da classe dominante nos outros. É fundamental compreender como os filmes infantis estão ocupando lugar central para a construção identitária se efetive, especificamente na criança. É urgente navegar pelas prováveis implicações geradas para a formação da criança.

Mesmo que o objetivo não seja a TV, é preciso uma pequena incursão, pois esta exhibe filmes infantis de sucesso. No Brasil, 95% da população assiste TV regularmente. Outra pesquisa, realizada pelo Painel Nacional de Televisão (PNT), aponta que de 2004 a 2014 registrou-se um aumento de 52 minutos no tempo médio que as crianças e os adolescentes passam na frente da televisão. Sendo esta, como já informado, o caminho de entrada para que milhões de crianças mergulhem nos artefatos culturais. Um aumento preocupante em se tratando da enorme quantidade de ideias/informações que podem ser assimiladas.

Segundo Giroux (2003), as corporações internacionais se tornaram a força motriz por trás da cultura da mídia. E com tantos investimentos, tendo as crianças como um dos públicos alvos, não é de se estranhar tal aumento. Assim, é preciso que as escolas e os professores pensem de forma séria a organização dessa ofensiva cultural e suas implicações na formação da criança. Ao pensar que as grandes indústrias investem bilhões por ano no sistema midiático, como: filmes, novelas e desenhos, Giroux (2003) acrescenta que nada parece estar fora do alcance para as megacorporações e seus correlatos da indústria da propaganda no que diz respeito a transformar os sonhos de uma criança em lucros potenciais.

Da exibição de filmes infantis se percebe uma total aceitação das mensagens pelas crianças. E aquelas simples horas assistindo ao filme de sucesso da vez podem ser muito prejudicial, pois além das superproduções nos canais infantis, a criança é bombardeada com todos os tipos de spots. Verifica-se que a indústria cultural é extremamente forte e que seus produtos são produzidos objetivando fins específicos de comércio e consumo facilmente aceito pelo público infantil;

Em um país que tem a cultura de deixar a criança sobre os cuidados dos filmes infantis, fica mais evidente a reprodução de suas ideais e valores refletidos na criança já que esta ficará um bom tempo assistindo os filmes. Giroux (2003) chama

as famílias e educadores a voltar sua atenção para esse tipo de conteúdo, pois “a inocência é esvaziada de qualquer conteúdo substancial, para que possa ser mercantilizada e explorada” (GIROUX, 2003, p. 130).

A criança, com tantas informações sendo armazenadas, constrói sua ideia de beleza, de amizade, de afeto, de perigo, de lazer, enfim de vida e de mundo. O que será quase sempre o mesmo entre elas. Ao pensar nos filmes infantis de contos de fadas, reinos ou aventuras da gigantesca indústria Disney, faz-se a pergunta: “Como é uma princesa?” A resposta é quase unânime, branca, magra, alta, loira e olhos azuis. Parece simples, mas não é; em seu crescimento cognitivo, a criança passa a ser vista como uma rica fonte de manipulação para esse tipo de mídia.

A aceitação e o desejo pelo que a criança julga “belo” modifica seu pensamento, suas relações com o outro e seu modo de agir e seu modo de falar. Naturalmente, ao cabo de iniciar sua vida estudantil, ela poderá já estar com um acervo de conceitos distorcidos, o que culminará em fazer com que esta seja aceita ou não em determinados grupos sociais e culturais. Esse sistema que educa e ao mesmo tempo ajuda na modificação de vida decodifica os signos e as representações em nossa sociedade.

Estudos mostram que a cultura da mídia articula o saber-poder em sociedade. Sendo assim, algo preocupante começa a surgir, chamado de “adultização da infância”. A criança, pelo fato de não ter ainda a maturidade psicocognitiva, torna-se vulnerável frente à avalanche recebida sobre forma de estratégias de marketing pelo poder midiático. Este evento causa, também, a erotização do corpo infantil enfatizados pelos acessórios (maquiagem, vestidos curtos e unhas postiças), e pela utilização do que até então era ferramenta apenas de uso adulto (notebooks, tablets, computadores e celulares), agora passa a fazer parte da cultura infantil.

Sem contar os aspectos sonoros, pois a música transmitida pelos filmes infantis afunila ainda mais o uso do corpo infantil nesse processo de adultização, marcado pelo andar, vestir e falar modificados, o que podemos denominar, segundo Momo (2009), de “infância instantânea”. Segundo a autora, caracterizam esse acelerado modo de viver contemporâneo tanto as práticas de alimentação quanto o uso de tecnologias de comunicação (internet, celulares etc.) que permitem realizar quase tudo em segundos. “Urgência, rapidez, imediatismo são condutas que já estão incorporadas ao modo de viver das crianças de hoje[...]” (MOMO, 2009, p. 199).

Percebe-se que os conteúdos dos filmes muitas vezes podem levar as crianças a desejarem comportamento de maneira não infantil. A isso podemos chamar de adultização da infância, ou infância instantânea. Esse fato, psicologicamente falando, é prejudicial, pois traz para o universo infantil ações, comportamentos, desejos que não se harmonizam com a faixa etária da criança;

Como percebemos, esses significados e conhecimentos ensinados à criança, por meio dos filmes infantis, traz implicações como um efeito dominó em seu contexto sociocultural. Nessa perspectiva, é preciso compreender melhor esses mecanismos para que as famílias e a escola possam criar mecanismos e estratégias para intervir sobre seus efeitos. Já que os filmes oferecem grandes ferramentas que podem auxiliar de maneira direta no desenvolvimento imaginário da criança.

Esse estudo procurou entender os efeitos dos filmes infantis a partir da disseminação de significados que podem formar as crianças. O trabalho contribui para a sociedade e a escola, pois a cada dia há a necessidade de dispensar mais tempo às imagens e seus significados.

4-CONCLUSÃO

Os conteúdos ideológicos envolvidos nos filmes infantis demonstram o quanto os filmes podem “educar” as crianças para aprenderem determinado ensinamento, eles estão presentes em nossa sociedade e são utilizados de maneira natural em nossas casas/escolas, cotidianamente. E precisam ser vistos como currículo, instrumento fortíssimo para o ensino das crianças. Principalmente sabendo que os filmes infantis focalizam a criança em seus primeiros anos de vida. O encontro da criança com os filmes infantis trará implicações profundas no desenvolvimento da criança em várias áreas de sua vida.

Essas implicações que afirma/reafirmar/confirma determinados ensinamentos, ao mesmo tempo (re)constrói padrões e saberes pautados em ideias bem articuladas dissipadas pela estrutura dos filmes infantis visto e revisto centenas de vezes, criando na criança uma completa aceitação de mundo, de valores, normas, regras e crenças. Dicotomias capazes de validar padrões de normalidade ou, trazer à tona os “monstros”, isto é, tudo aquilo que foge dos padrões “aceitáveis”.

É notório que vivemos uma era carregada de instrumentos que fazem parte da vida humana. E eles, facilmente, chegam até as crianças com vários objetivos e que estão quase sempre sendo reformulados para introduzir nas crianças ideias que as motive a continuar usufruindo em seu cotidiano desse conteúdo. Práticas tendenciosas escondidas nos bastidores do mundo das Megacorporações que não medem esforços pra conseguir seus objetivos, o que é na grande maioria, o lucro.

Não foi por acaso que a indústria cultural criou esse fluxo através dos filmes infantis visando à criança como alvo principal. Uma vez que o campo é bastante fértil e traz retorno compensatório, ao mesmo tempo cria laços emocionais contínuos com a criança servindo de estímulos para os próximos anos com novas produções ideológicas. Pois o que é atrativo na infância precisa estar em constante mudança para não ser deixado de lado facilmente.

A pesquisa procurou analisar e compreender as implicações imersas nos filmes infantis para as crianças na infância. E conclui-se que: 1º) Os filmes podem ser ótimos instrumentos de ensino, desde que haja uma preocupação por parte do professor em escolher o filme seguindo a faixa etária dos educandos e refletindo antes sobre o conteúdo do filme e o que se quer ensinar; 2º) Constatou-se que há consequências não desejáveis pelo fato dos filmes infantis não serem vistos/usados

em formas de ferramentas úteis na construção da criticidade na criança em seu processo de desenvolvimento escolar e social, isto é, os filmes podem estar sendo usados apenas para entretenimento: um passatempo que ajuda a fortalecer ideias adultas, hegemônicas, cheias de significados que irão perdurar em seus anos seguintes e isso não é bom; 3º) Verificou-se que a indústria cultural é extremamente forte e que seus produtos são produzidos objetivando fins específicos de comércio e consumo facilmente aceito pelo público infantil; 4º) Percebeu-se que os conteúdos dos filmes muitas vezes podem levar as crianças a desejarem comportamento de maneira não infantil. A isso podemos chamar de adultização da infância, ou infância instantânea. Esse fato, psicologicamente falando, é prejudicial, pois traz para o universo infantil ações, comportamentos, desejos que não se harmonizam com a faixa etária da criança; 5º) No entanto, os filmes oferecem grandes ferramentas que podem auxiliar de maneira direta no desenvolvimento imaginário da criança.

Compreender esses padrões, ensinamentos e construções bombardeados no consciente infantil mostra-se muito importante nos tempos modernos. Tempos em que presenciamos mudanças tecnológicas que se tornam tão presentes em nosso dia a dia. Os filmes infantis, por sua vez, precisam ganhar novos olhares sobre seus ensinamentos, sobre suas articulações e ideias codificadas em forma de imagens massificadas.

O estudo mostra-se importante não somente para pais, mas também para os profissionais da educação atuantes no processo de escolarização das crianças. Mostrando que, conforme os avanços tecnológicos significativos nos filmes infantis e a procura crescente do consumo dos artefatos culturais, nós precisamos acompanhar essas mudanças e incentivar a construção da habilidade crítica das crianças.

Sendo a educação um processo que não se esgota, é compreensível entendermos que a alfabetização crítica da mídia pode ser uma das saídas para a luta contra construção desses ensinamentos e padrões que favorecem determinados grupos sociais formando ideias, crenças e normas. A cultura da mídia deve ser levado em consideração não somente nos momentos de estudos na academia, mas também nos primeiros anos de vida escolar dos alunos que é onde tudo começa.

Essas mudanças ecoam como uma necessidade atual e constante. Na qual poderemos ter maior controle sobre os processos educacionais envolvidos nos filmes infantis, seus significados e efeitos nesse momento de desenvolvimento tão

importante, belo e visível ao perceber a forma pela qual as crianças se maravilham com as descobertas. Um período que não pode passar despercebido, mas que está sob os cuidados tendenciosos dos filmes infantis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda Parodi de. Futebol: Ciência, cultura e sociedade. A física nas inovações tecnológicas de transmissão de jogos de futebol 3 a série B, **Revista Resgates**, 2014. Disponível em: <http://stockler.com.br/wp-content/uploads/2015/01/RevistaResgates_Stockler2014_web.pdf#page> Acesso em: 15 nov. 2018.

ALVES, Tiago da Silva Fagundes. **O Espanta Tubarões**: uma proposta de reflexão dos estereótipos de gênero no ambiente escolar- 2016 - calvados.c3sl.ufpr.br. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52028/R%20-%20E%20-%20TIAGO%20DA%20SILVA%20FAGUNDES%20ALVES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 05 jan. 2019.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. **Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação**. Textura Canoas v.17 n.34 p.48-63 mai./ago. 2015.

ARAÚJO, Érica Daniela de; AGUSTINI, Carmem Lúcia H. **A leitura do não-verbal nos filmes infantis e a educação moral**. 2009 - alb.org.br. Disponível em <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_3724.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Vanguard8.webnode – 1981. Disponível em: <<http://files.grupo-educacional-.com/200000024-07a9b08a40/Livro%20PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-dafamilia.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

AULETE, Caldas. Novissimo Aulete. **Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa**. Org. Paulo Geiger, Rio de Janeiro, Lexicon, 2011.

BECHARA, Evanildo (Org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras : língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BERNARDES, Adriana Oliveira. **Do Telégrafo à Internet: A História da Ciência em Sala de Aula**, Editora Realize, Campo Grande - Paraíba, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA18_ID3674_30062016233006.pdf> Acesso em: 19 set. 2018.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed.; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

CAMARGO, Camila. **História da televisão**. Tecmundo, 2009. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>> Acesso em: 08 nov. 2018.

CARDOSO, Helma de Melo; OLIVEIRA; Anselmo Lima de; DIAS, Alfrancio Ferreira. Marcas e aprendizagens da heteronormatividade em filmes infantis. **Revista Espaço do Currículo**, v.8, n.2, p. 244-253, Maio a Agosto de 2015 - periodicos.ufpb.br Disponível em <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.244253>>.

Acesso em: 15 jan. 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo**: Pesquisa pós-críticas em Educação. Editora Vozes, 2001.

BECHARA, Evanildo Cavalcante (Supervisão). Dicionário escolar da língua portuguesa/ Academia Brasileira de Letras. 2.ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DUTRA, Flora. **A história do telefone celular como distinção social no Brasil**. Da elite empresarial ao consumo da classe popular. Flora Dutra 2016. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/viewFile/4798/3087&ved=2ahUKEwi2zouxbigAhVKlrkGHeOEBj8QFjAKegQIAxAB&usq=AOvVaw2iFDGL_wsvndHp0k-prWxo&cshid=1550069347600>

Acesso em: 13 fev. 2019.

EBC. **Tempo de crianças e adolescentes assistindo televisão aumenta em 10 anos**. Disponível em: www.ebc.com.br/para-pais/2015/06. Acesso em: 28 mar. 2018.

FANTIN, Mônica. Mídia-Educação e cinema na escola. **Revista Teias**, 2007 - e-publicacoes.uerj.br Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24008>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

FONTANA, Roseli. **Psicologia e trabalho pedagógico** / Roseli Fontana, Maria de Nazaré da Cruz. – São Paulo : Atual, 1997.

FLOR, Douglas Moacir. **Circuitos e teias nas pedagogias midiáticas que convocam para o consumo**. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro : Lamparina, 2009. p. 153-156.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança** / Paulo Freire; tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopez Martin. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GIROUX, Henry. **A disneyzação da cultura infantil**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995a.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais** / Henry A. Giroux; trad. Ronaldo Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

GITLIN, Todd. **Supersaturação ou a torrente das mídias e o sentimento descartável**. In: **Mídias Sem Limite: Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOVERNO DO BRASIL. LEVANTAMENTO: **Televisão ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros**, GovBr, 2017. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/televisao-ainda-e-o-meio-de-comunicacao-predominante-entre-os-brasileiros> > Visto em 23 de no vem. De 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno** / Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti. - - Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Visto Acesso em: 03 de jan. 2019.

KORNIS, Mônica Almeida, 1952 - **Cinema, televisão e história** / Mônica Almeida Kornis. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. (Col. Passo-a-passo: 86)

KINDEL, Eunice A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...** Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

L'Ecuyer, C.. **Educar en el asombro**. Barcelona, Plataforma, 2012.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe> >. Acesso em: 13 fev. 2019.

MENEZES, Sandra Maria Moreira de. Adultização da Infância Pela Mídia: uma leitura sócio-histórica. **Revista Psicologia**. vol. 2, 2016. Disponível em: www.revistas.ufac.br/psi/download_8. Acesso em: 25 mar. 2018.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política** / Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MOMO, Mariangela. **Tudo, ao mesmo tempo, agora! A vida urgente das crianças contemporâneas**. In. COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro : Lamparina, 2009. p. 197–199.

NEILL, Alexandre Sutherland, 1883-1973. **Liberdade sem medo** – Summerhill: radical transformação na teoria e na prática da educação A.S. Neill; prefácio de Erich Fromm; tradução de Nair Lacerda. – 19. Ed. – São Paulo IBRASA, 1980.

Portal Brasil. **Televisão é ainda o meio de comunicação predominante entre os brasileiros**. Disponível em: <www.brasil.gov.br>governo>2014>12. Acesso em: 22 mar. 2018.

SABAT, Ruth. **Filmes Infantis como maquina de ensinar**. GT Educação e Comunicação – UFRGS, 2002. Disponível em < <https://twiki.ufba.br/TrabalhoAno2002> > . Acesso em: 16 nov. 2018.

SANTOS, Pablo Vitor Fontes; LUZ, Cristina Rego Monteiro. **História da Televisão: do Analógico digital**. Inovcom, vol 4, nº 1, 2013. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/viewFile/1599/1567&ved=2ahUKEwib2aDRsMjhAhUCIbkGHR61CicQFjAAegQIBxAB&usq=AOvVaw3BLvgj560KxZGGHs3zZWW> >. Acesso em 30 jan. 2019.

SILVA, Maria Carolina da; PARAÍSO, Marluicy Alves. A infância no currículo de filmes de animação: Poder, governo e subjetivação dos/as infantis. **Revista e-Curriculum**, 2012 - redalyc.org Disponível em < <http://www.redalyc.org/html/766/76623542009/>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. (Coleção estudos culturais em educação), Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

SUBTIL, Filipa. **Tecnologia, economia e política: o telégrafo como antecessor da Internet**, repositório IPL, 2017. Disponível em:< <http://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3710>>. Acesso em: 25 set. 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1995.

ZAZZO, Renè. Henry Wallon. **Psicologia e marxismo**. Lisboa: Veja, 1978.